

SOBRE O CORPO EM "OS 12 TRABALHOS", DE ELEN BRAGA | Carina Sehn

A performance, como um código secreto, contém rituais invisíveis atrás de rituais visíveis.

Jorge Glusberg ¹

Carlos Castañeda em seu livro *O Poder do Silêncio*, compartilha com os leitores os ensinamentos do seu mestre nagual, Don Juan, que diz: "o primeiríssimo princípio da espreita é que um guerreiro espreita a si mesmo implacavelmente, com esperteza, paciência e gentileza." A espreita para Don Juan é performática na medida em que traz à tona aqueles momentos em que desviamos da rotina, aqueles momentos extraordinários, de fato notáveis, em que os racionalismos tão presentes o tempo todo em nossa mente tagarela já não dão conta. O estado de espreita ou o estado de performance se daria então, quando algo novo nos atravessa e se oferece como oportunidade de transformação, de expansão. Pois tanto na performance como na vida, nunca conseguimos ter controle total sobre o que nos acontece, já que a diferença é imanente à vida que se modifica constantemente, nos pega de surpresa, de sobressalto, sem ensaio! E é precisamente neste campo de intensidades vivas que se dá a série "os 12 trabalhos" de Elen Gruber, a qual se lança à vida, à sua violência trágica, sem saber ao certo o que encontrará, mas nem por isto deixa de seguir, pois lhe importa o processo, a odisséia. O trabalho, portanto, é mais relevante que a recompensa.

O novo, aqui, não se refere a algo que ainda não vivemos ou que nunca antes vimos; mas sim a um novo arranjo dos elementos, das relações que fazemos com aquele objeto ou ser, com aquela paisagem, com as imagens que se movimentam na nossa memória a partir do encontro com o outro e ampliam nossa percepção, a energia mesma do nosso corpo, as suas frequências e campos vibracionais. O que por sua vez, muda também a energia e a vibração do universo ao qual estamos intimamente conectados e mal percebemos, ocupados que nos mantemos em fazer um milhão de tarefas controladas pelos bons costumes, pelo senso comum, pela moral. No entanto, somos seres plurais, com sentidos variando-se o tempo todo, não temos uma essência apenas, temos relações.

Portanto, imagine esta relação: uma praia, de um lado uma rocha gigante, no outro lado outra rocha gigante e entre elas está a performer, de costas para o mar. Ela espera a maré subir bem ali, entre as rochas, atrás de si. Está viva, no corpo, parada em movimento, mudando com a maré, sendo outras, sendo ela. Em seu *t#1: a rocha*, realizado na praia da Rocha em Portugal, acompanhamos o início do que virá a ser a série dos 12 trabalhos da artista, os quais ainda estão em processo (e em algum momento deixarão de estar?). Inspirada no mito de Hércules, Elen testa e experimenta a sua própria força, a sua capacidade de estar inteiramente presente naquele momento, naquela duração, naquela ponta de presente, sem vacilos. Durante 1:16', Elen mantém-se entre as rochas gigantes, de costas para o mar, e então a maré finalmente sobe e engole o corpo da artista, a onda passa sobre a sua cabeça e encerra assim o registro da câmera que, afastada da praia, filma toda a movimentação da natureza em relação ao corpo infinito de Elen que realiza não somente uma ação performática mas um trabalho sobre si de fato, uma prática de si e do seu corpo. Neste espaço aberto, paisagem oceânica, os fluxos se distribuem não de forma linear e sólida, Não se pode medir, metricamente, o que acontece ali, pois o espaço é ocupado por certas imaterialidades, invisibilidades intensivas que operam uma diferença no corpo da performer.

Elen está em constante movimento no vídeo e isto, faz com que o seu corpo também apresente para si mesmo novos discursos, novos modos de ser. Seu corpo é, enfim, parte do todo, heterogêneo e está em relação com tudo ali. Isto faz com que ele flua, mude e não permaneça o mesmo. Ao longo dos seus 12 trabalhos, Elen nos leva até lugares exuberantes como o Salar de Uyuni na Bolívia, até o Ushuaia na Argentina, até a casa do Sol em Campinas, casa onde morou a memorável escritora Hilda Hilst, entre outros. Pela perspectiva do trabalho de Elen, é possível assimilarmos, o pedacinho de matéria movente que somos, um ponto infinitamente pequeno, no entanto ativo, brilhante, absolutamente indispensável ao mundo a nossa volta, ao cosmos. Estamos em processo, somos seres de devir, movimentamos matéria e por isto mesmo energia. Estamos aqui, ali, agora, aquém e além de nós mesmos, dos nossos pesos todos. A presença impávida, destemida, audaz de Elen, ganha novos contornos de paisagem, experimenta a partir de seu corpo o peso, o frio, o vento, o sol, se lança na natureza como quem se lança em si mesma, pois compreende que a natureza está dentro dela mesma, compondo-a, completando-a.

A ênfase não é mais colocada sobre o Ser, como equivalente ontológico geral, o qual, pela mesma razão que outros equivalentes (o Capital, a Energia, a Informação, O Significante), envolve, delimita e dessingulariza o processo, mas sobre a maneira de ser, a maquinação para criar o existente, as práxis geradoras de heterogeneidade e de complexidade.

Félix Guattari²

Elen não desiste dela mesma, não se limita a fraqueza do seu corpo imposta por um acidente durante uma performance no final de 2012 no Instituto Tomie Othake, como nos conta Elen em seu diário de produção das obras:

"A minha iniciativa para esse projeto se deu a partir de um contexto pessoal que julgo importante contar: no final do ano de 2012, eu me acidentei numa performance e com isso adquiri um medo muito grande de realizar trabalhos que exigiam muito do meu corpo. Depois de um longo período sem fazer esforço físico por conta da recuperação, meu corpo ficou fraco. Envolvida por um desejo de ser forte, eu acabei chegando no mito de Hércules cuja jornada heroica é marcada por difíceis batalhas, das quais em todas ele saiu vitorioso. Lendo mais sobre os seus 12 trabalhos, tive um desejo insano e obsessivo de ser forte igual a ele. E desejando ser Hércules, comecei os meus 12 trabalhos."

A arte como elemento vivo, intensivo, penetra a vida da artista, a movimenta, não a permite abandonar o seu corpo, muito pelo contrário quer mais dele, quer viver mais. E, com isto, a sua obra nos oferece uma nova percepção sobre a nossa existência na Terra, sobre o modo como interagimos com a vida e com o tempo em nosso território-corpo. A vida não é encarada de forma estanque, cotidiana e sem graça, mas sim, de um modo turbilhonar, caótico e fluido diante da qual o corpo como lócus de existência mesma, como dentro da ação já não representa nada, quer experimentar tudo. Quer se entregar para a vida como um guerreiro se entrega ao intento, ao grande mistério. Quando estamos vivenciando o nosso próprio corpo, quando estamos atentos a ele, impreterivelmente estamos ao mesmo tempo intensificando a nossa consciência diante da nossa condição de seres vivos.

E então não há mais separação possível entre a arte e a vida, pois para um artista a sua existência é necessariamente estética, vibra em imagens, a imagem já não é representativa, mas cósmica, pois se relaciona com o que é imaterial e material ao mesmo tempo, com o visível e com o invisível, com o que se pode ver e para, além disto, com o que se pode sentir; pois a imagem feita no corpo é ativada pelo

movimento, portanto emana luz, ardor de vida e agencia variados encontros e deslumbramentos em quem a vê.

O corpo performático de Elen Braga passa a ser um lugar-de-acontecimento, sem limites, sem restrições, está aberto e aceita plenamente a vida. Quando a vemos interagindo com os seus limites, dobrando-se sobre si mesma, seja na presença de outro ser ou da natureza, nos é dada a oportunidade de percebermos a construção de um corpo mais íntegro, mais audaz, autor de uma singularidade-acontecimento que se manifesta na ação, no tempo da duração da ação. E é aí, a partir deste acontecimento puro, pleno de autenticidade, de variadas relações, fugaz visto que não pára de passar e inifinitico, vivo que está; é exatamente aí neste instante, que o *corpo*, este emaranhado de forças e potências se torna o próprio objeto de arte, engendra-se sempre novo, livre-gentil-abundante que é. Elen é o seu corpo enfim, e o seu corpo, a partir de seus *12 trabalhos*, é o universo todo, na sua máxima vontade de potência!

Carina Sehn, artista, educadora e pesquisadora do corpo.

¹ Glusberg, Jorge, *A arte da performance*, 2011, p. 118.

² Guattari, Félix, *Caosmose*, 2012, p.125.